

triste
história
da fim
da
Mundo

Capítulo I

*“All it takes to fall
What a quiet world after all
Of the things that you guessed will come
What a moment it was after all”*

Beirut — La Llorona¹

Surya sempre se surpreendia com a quantidade absurda de roupas que os filhos sujavam. Eram em doze, afinal. Os cestos estavam sempre abarrotados de calças, camisetas, saias e vestidos, meias, cuecas e calcinhas. O enfado era inevitável.

— Faruk! Mahara! — gritou a mãe. — Khaled! Nuria! — às vezes ela tinha que pensar um pouco para lembrar que nome ela ainda não havia chamado. — Venham me ajudar com a roupa suja!

Ela estava no quarto onde dormiam Khalil, Deva, Faruk e Khaled. A janela, que tinha vistas para a rua da frente, estava aberta, então parou para olhar. Primeiro procurou os filhos ao redor, depois observou mais atentamente a paisagem degradada. Edifícios abandonados, árvores secas, ruas desertas.

1. Tradução livre: “E tudo leva à queda / Que mundo silencioso afinal / Das coisas que você supôs, virá / Que momento foi esse, afinal?”. A música faz referência à lenda mexicana da Llorona, que tem diversas versões, mas que, em linhas gerais, fala sobre uma mulher que aparece nas madrugadas chorando pela morte dos filhos que ela mesma teria assassinado.

Três anos se passaram desde a última vez em que o céu esteve azul. Naquela época o mundo ainda seguia, bem ou mal, seu curso natural. As estações do ano eram regulares, na medida do possível. Havia água encanada, comida fresca, energia elétrica, televisão, rádio e internet. De um dia para o outro o céu ficou rosado e tudo que se conhecia saiu do eixo.

— Faruk! Me ajuda com a roupa suja, pelo amor de Deus! — insistiu a mãe, chamando o único filho entre os mais velhos que ela achava estar em casa.

— Ele saiu com Khalil e Deva — Nuria respondeu, passando pela porta do quarto no corredor.

— E você não vem me ajudar por quê? Eu deixei você ter um quarto só seu, mas não foi para você ficar isolada não, hein?

A filha não deu ouvidos, seguiu seu caminho e Surya ouviu a porta do quarto de Nuria fechar. A mãe continuou:

— E é melhor ter paciência para esperar seu dia chegar, porque pelo jeito... Você sabe do que estou falando!

Surya saiu e foi ao quarto dos três caçulas, Sara, Zora e Nahan. Lá, revirou as dezenas de brinquedos — roubados — a procura de cuecas e calcinhas que precisassem ser limpas. Enquanto

isso, ouvia distraidamente uma conversa entre os gêmeos Jamil e Jamal, que deveriam estar no jardim em frente à casa.

— Quanto tempo faz que ninguém morre?

— Uns dois anos, eu acho...

— Caramba. A gente tinha 10 anos na época.

— Lembra como a gente brincava nos velórios?

— O último que teve foi o da Dona Zila, um saco... um monte de gente morreu lá mesmo, só ficou a gente vivo.

— E a Janna ainda quebrou nosso violão, não tinha nem música para tocar.

Surya se entristecia ao ver como a morte se tornara parte da rotina da família. Quando o céu ficou rosa, um fenômeno estranho aconteceu: as pessoas começaram a morrer repentinamente, caíam no chão já sem vida e seus corpos, em poucas horas, evaporavam. E assim a população mundial foi se reduzindo. Dezenas, centenas, milhares, milhões, bilhões. Mais de 7 bilhões de pessoas mortas. Os animais desapareceram também. Aves, gatos, cachorros, peixes e insetos deixaram de existir. Os vegetais pararam no tempo, não cresciam, não frutificavam e tampouco morriam. Só escaparam do trágico fim Surya e seus doze filhos.

— Eu acho que a gente não vai morrer — comentou Jamil.

— Claro que vai, todo mundo morre. Todo mundo sempre morreu, não é porque a gente tá sem morrer que a gente não vai morrer — retrucou Jamal.

— Mas todo mundo morreu de um jeito diferente, e a gente não morreu ainda. Já era para a gente ter morrido.

— Mas se a gente não morreu agora é porque vai morrer depois.

— Depois quando? Amanhã?

— Pode ser.

— E se a gente já tiver morrido e ainda não percebeu?

— A gente sempre sabe se morreu ou não, Jamil.

— Você já morreu alguma vez pra saber?

— Não, mas quando eu morrer eu vou perceber.

O peso de tantas mortes doía sobre os ombros da única mãe sobrevivente, mas ela sentia a necessidade de resistir e se habituar àquela nova realidade. Seu objetivo maior era garantir que os filhos vivessem pelo maior tempo possível, ainda que a morte fosse, como sempre fora, inevitável. Confiava que mesmo os caçulas saberiam se cuidar sozinhos diante de alguma dificuldade. O desafio, contudo, era manter o espírito positivo, confiante, como se o desaparecimento de todas as

pessoas do mundo e a morte iminente de toda a família fossem problemas de menor importância.

Surya notou que os gêmeos fizeram silêncio e entraram na casa pela cozinha. Ora, desde que o mundo começara a acabar, Jamil e Jamal desenvolveram a capacidade de se comunicar apenas pelo pensamento. Então quando estavam juntos sem emitir qualquer som, a mãe sabia que os dois aprontariam algo. Habilmente pegou o cesto de roupas e foi para a cozinha, mas o peso das peças sujas atrasou seus passos. Ela pôde ouvir, pelos corredores, o diálogo:

— Você tem certeza de que quer fazer isso?

— É melhor do que ficar aqui sem fazer nada.

— Mas se você morrer eu vou ficar sem saber se eu já morri ou não.

— Quer que eu mate você antes? Juro que eu me mato também depois.

— Ah, assim não tem graça.

Surya entrou na cozinha, viu Jamal apontando uma faca para o peito de Jamil e esbravejou:

— Larga logo essa merda aí! Pelo amor de Deus, vocês não cansam dessa coisa de se matar, não?

Os gêmeos gargalharam. Amavam pregar aquela peça na mãe.

— Faz tempo que a gente não tenta morrer, mãe! — disse Jamil, rindo. — A gente tá sem nada pra fazer!

— ‘Nada pra fazer’... Era o que me faltava! Vai procurar comida com o Khalil e a Deva. A gente aqui tentando sobreviver e vocês aí querendo morrer a qualquer custo.

— Mãe, a gente *vai* morrer, não adianta — ponderou Jamal, com um sorriso debochado no rosto.

— Mas quanto mais a gente viver, melhor. Se não morremos ainda é porque alguma coisa de útil podemos fazer. Anda, sai da minha cozinha! Vai atrás dos seus irmãos.

Jamil e Jamal saíram e Surya largou o cesto de roupas no chão. Estava cansada. Já tinha caído naquela brincadeira dos gêmeos muitas vezes antes, mas vê-los tão diante da morte lhe causava desespero. E os meninos ainda riam alto do susto da mãe. Até quando viveria aquela penúria?

Olhou para o céu pela janela e viu uma nuvem branca se aproximando. Precisaria se apressar para conseguir lavar as roupas antes da neve da tarde cair.

Como não havia pessoas para cuidar dos sistemas de saneamento básico, água encanada se tornou lembrança de um passado distante. Por isso Surya

ia a um rio próximo de sua casa para lavar roupas e louças. Era um trabalho árduo que a fazia sentir falta de quando as torneiras funcionavam.

A falta de energia elétrica também era um problema, pois sem os chuveiros tradicionais, ficou muito mais difícil aquecer água para o banho dos treze membros da família. Precisavam, semanalmente, carregar galões pesados de água para serem aquecidos em uma fogueira, e muitas vezes os mais velhos tomavam banho frio para evitar trabalho extra.

O bom era que a ausência de seres humanos livrou os rios de dejetos e imundícies, tornando as águas mais limpas e próprias para uso.

— Tudo na vida tem um preço mesmo, né? — disse Surya a si mesma enquanto caminhava com o cesto nos braços. — Precisou todo mundo morrer pra gente poder voltar a tomar banho de rio...

A mulher ouviu a voz de uma criança e logo reconheceu quem a chamava. O caçula, Nahan, de apenas três anos, acompanhado de Zora, de quatro. Pediam que Surya os esperasse.

— Vocês vão me ajudar a lavar a roupa?

— Eu não sei lavar roupa — respondeu o menino com seu jeitinho infantil.

— Hum... E cadê a Sara?

— Tá procurando brinquedo com a Mahara —
a pequena Zora explicou.

— E vocês, onde estavam?

— Comendo chocolate.

— Aquele chocolate velho, meu Deus... tá tudo vencido. Não sei como vocês não passam mal.

Zora e Nahan nasceram pouco antes do mundo começar a acabar. Surya adotou os dois quando as primeiras mortes começaram a ser documentadas nos jornais. Seus pais haviam evaporado e os pequenos ficaram órfãos. Nahan, mais novo, foi encontrado por Surya antes de Zora. Eles não se lembravam do céu azul, dos computadores, da água encanada, da energia elétrica, dos carros nas ruas, dos sons das festas, dos pombos sobrevoando as casas, da comida fresca, dos verões que não tinham neve, do tempo que corria depressa. Os mais novos nasceram habituados à solidão e à morte. Não teriam a oportunidade de crescer como humanos, estudando, trabalhando, criando suas próprias famílias, e Surya sentia a derrota de não poder salvá-los dessa sina.

— O que é ônibus, mãe? — perguntou Nahan, sempre curioso, enquanto Surya se ajoelhava diante do rio.

— É um carro bem grande que leva muitas pessoas.

— Você tinha um desses?



LIVROS ILUMINAM

Impresso em Pólen Soft 80g/m²
São Paulo para Editora Penalux, em agosto de 2021.